

Nota de Repúdio

Nós, participantes do **18º Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade**, realizado na cidade de Manaus, no estado do Amazonas, viemos a público expressar nosso mais veemente repúdio à fala proferida por uma médica durante a mesa **“Telessaúde na Atenção Primária: Estratégias para Ampliar o Acesso e a Qualidade do Cuidado no Sistema Único de Saúde”**, ocorrida no dia 07/06/2025, às 8h30min.

Durante sua fala, a médica exibiu a imagem de uma favela (também reconhecida como vila ou mesmo comunidade a depender da região do país) com ruas estreitas e escadarias íngremes, referindo-se de maneira **pejorativa e jocosa às dificuldades de acesso dos profissionais de saúde** e comparando o local à série *Stranger Things*, em tom de escárnio e desumanização. A comparação — longe de ser uma metáfora ingênua — foi um **ato de violência simbólica**, profundamente **racista, classista e desrespeitoso com as comunidades periféricas brasileiras**, compostas majoritariamente por pessoas negras, indígenas e empobrecidas.

Falas como essa **não são meros equívocos ou comentários “infelizes”** — são expressões de um **olhar colonial, hegemônico e excludente** que reduz vidas e territórios à condição de objeto de chacota. Ao ridicularizar as realidades sociais das favelas, a médica **ativa e reproduz os mecanismos da branquitude como lugar de privilégio**, reforçando padrões historicamente impostos à humanidade, competência e legitimidade profissional. Esse tipo de atitude **contribui diretamente para a perpetuação das iniquidades raciais e sociais** e contraria frontalmente os princípios da Medicina de Família e Comunidade, assim como os fundamentos éticos e políticos do Sistema Único de Saúde (SUS).

Vale destacar que ao ser aberta a fala para plateia, houve intervenção de pelo menos duas pessoas que manifestaram desconforto e problematizaram e questionaram a fala da palestrante, não tendo havido qualquer posicionamento da mesma e, nem mesmo dos demais componentes da mesa sobre o ocorrido.

Reafirmamos que **as favelas, vilas, comunidades, periferias, comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas e tantas outras expressões do território brasileiro são espaços de vida, luta, solidariedade e organização coletiva**. São também cenários fundamentais da prática da Medicina de Família e Comunidade, que deve ser guiada pelo **respeito à diversidade, pela equidade, pelo vínculo com os territórios e pelo compromisso inegociável com o respeito à dignidade e aos direitos humanos**.

Diante disso, **exigimos a retratação pública da referida médica** e solicitamos que a coordenação do congresso e a Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade **se posicionem institucionalmente sobre o ocorrido**, assumindo o compromisso com ações formativas e políticas de enfrentamento ao racismo em suas várias formas, o classismo e todas as formas de opressão que ainda persistem nos espaços de formação, gestão e prática em saúde.

Seguimos acreditando que **outra medicina é não apenas possível, mas urgente** — uma medicina comprometida com os territórios, com os povos, com a justiça social e com o cuidado que reconhece a plena humanidade de todos os corpos e lugares.

Manaus, 08 de junho de 2025.

GT em Saúde Prisional;

GT de Gênero, Sexualidade, Diversidade e Direitos;

GT de Saúde da População Negra;

GT de Saúde da População em Situação de Rua;

GT de Cannabis;

GT de Saúde Planetária;

GT Mulheres na MFC.